

Anexo. Categorias de análise das conversas sobre temas de ciências de tipo expansão

Categoria	Descrição	Ocorrência
1. Identificação (cf. Callanan & Jipson, 2001)	Quando a fala é no sentido de identificar um objeto ou conteúdo abordado. Por exemplo: “aqui está falando sobre os vetores”, “este é o ovo”.	9
2. Descrição (cf. Callanan & Jipson, 2001)	Quando o/a visitante descreve ou destaca uma característica visual do objeto ou imagem. Por exemplo: “ela não tem testa”.	1
3. Valoração (cf. Callanan & Jipson, 2001)	Quando o comentário é no sentido de valorar positivamente ou negativamente um objeto ou a exposição como um todo. Por exemplo: “que legal a antena”.	2
4. Análise (cf. Fienberg & Leinhardt, 2000)	Quando o/a visitante faz uma comparação entre objetos, imagens ou conteúdos apresentados na exposição (por exemplo, “a cabecinha normal da criança era para ser isso aqui. Aí você vê aqui ó, como é que o crânio ficou e comprime o cérebro. [...] Olha aqui ó, olha o tamanho desse, olha o tamanho desse, entendeu? Aí quando você vê aqui ó, aqui ó, que é a imagem do cérebro, de uma tomografia, então não consegue expandir”) ou entre algo da exposição e algo do seu conhecimento (por exemplo, “é igual a história do <i>Jurassic Park</i> ?”)	5
5. Síntese (cf. Fienberg & Leinhardt, 2000)	Quando o/a visitante aciona conhecimentos ou experiências prévias (por exemplo, “a mamãe já teve zika.”) ou de uma estação ou exposição anterior (por exemplo, “lembra que a mamãe mostrou lá embaixo o sistema circulatório?”).	9
6. Explicação (cf. Fienberg & Leinhardt, 2000)	Quando o foco está na compreensão de um fenômeno ou processo. Por exemplo: “o bebê pode apresentar uma má formação no sistema nervoso central.”	24
6.1 Baseada em princípio científico (cf. Fienberg & Leinhardt, 2000)	Quando é fornecida uma informação ou explicação sobre conceitos ou processos científicos, seja ela adquirida por leituras, informações disponíveis na exposição ou conhecimentos prévios. É objetiva e direta, sem envolver explicações de causa e efeito, reflexões ou associações com experiências prévias. Por exemplo: “encefalopatia é um problema que dá no cérebro”; “no verão tem mais virose”.	14
6.2 Baseada em conexão causal (cf. Fienberg & Leinhardt, 2000)	Abordagem sobre conteúdo científico na qual é feita uma correlação entre causa e efeito. Pode ser apresentada de forma explícita por meio de palavras/expressões como “porque”, “por causa”, “por isso que” (por exemplo, “o que causa [as doenças] são os vírus”), ou implícita (por exemplo, “o crânio não expande, aí fica com microcefalia”).	10
7. Pergunta sobre conteúdo científico	Quando é feita uma pergunta sobre conteúdo científico, como, por exemplo, perguntar sobre determinado conceito científico. Por exemplo: “o que é microcefalia?”	5
8. Conhecimento prévio	Quando visitante indica explicitamente que um membro tem conhecimento prévio (por exemplo, “ele sabe”) ou faz referência a conhecimento adquirido anteriormente, inclusive, na mesma visita ao Museu, mas em outra exposição (por exemplo, “O que é que você viu lá embaixo?”).	3
9. Associação com o cotidiano	Quando o visitante associa o conteúdo científico abordado com algo da sua vida cotidiana. Inclui comentários sobre práticas de prevenção de doenças (por	6

	exemplo, “por isso que a gente tem que passar repelente”), experiências com as doenças (por exemplo, “a mamãe já teve zika”), analogias entre objetos expostos com objetos do cotidiano (por exemplo, “igualzinho grãos de girassol”) e associações com filmes, séries, livros, etc. (por exemplo, “é igual a história do <i>Jurassic Park</i> ?”).	
10. Reflexão sobre mudança de comportamento	Quando o/a visitante verbaliza a possibilidade de mudar um comportamento a partir do conteúdo apresentado pela exposição. Por exemplo: “Quem sabe eu fecho as janelas às cinco da tarde”.	1
11. Reflexão sobre conteúdo científico	Quando há indícios de que o conteúdo científico abordado estimula no/na visitante uma reflexão que extrapola a informação científica em si, demonstrando sua própria percepção sobre o assunto. Por exemplo: “ainda bem que não existe mais”.	1
12. Indício de aquisição de conhecimento novo	Quando há indícios de que uma determinada informação científica é nova para o visitante. Consideramos que há esse indício, por exemplo, quando o visitante demonstra surpresa diante da informação. Por exemplo: “existe, sim”./”existe?”	1
13. Pergunta sobre objeto/exposição	Perguntas relacionadas ao objeto, à sua identificação e ao que pode fazer com ele (por exemplo, “o que é isso?”/”pode tocar?”) ou ao <i>design</i> da exposição como um todo (por exemplo, “tem mais mosquitos?”)	5
14. Interação colaborativa	Quando, no âmbito da interação física com um módulo, os visitantes buscam refletir juntos sobre o que fazer ou responder, ou negociam entre si a manipulação do objeto. Por exemplo: “Vamos ver aí, bota aí no zika. Aperta aqui o menu”.	7
15. Estímulo à observação	Quando um visitante estimula que outro(s) reparem em determinadas características dos objetos. Por exemplo: “viu o sangue passando?”	8
16. Indício de empolgação	Quando um visitante dá indícios de empolgação com a exposição, identificados por risadas ou pela entonação vocal. Por exemplo: “mosquitos!”	4
17. Indício de surpresa	Quando um visitante dá indícios de ter se surpreendido com algo. Por exemplo: “existe sim./existe?”	1
18. Indício de desinteresse	Quando o visitante dá indícios de desinteresse pelo módulo ou pelo o que está sendo dito por outro visitante. No nosso estudo de caso, se apresentou por meio de argumentações de já ter visto o conteúdo abordado.	2
19. Definição do percurso expositivo	Quando um membro define qual será o percurso expositivo, sem margem para negociação. Por exemplo: “Vamos ver aqui a espécie”.	3
20. Negociação do percurso expositivo	Quando um membro da família tenta negociar com outro(s) o percurso expositivo, fazendo sugestões sobre para onde ir. Geralmente identificada por meio de perguntas. Por exemplo: “vamos?”.	4
21. Informação sobre objeto	Quando o/a visitante explica para outro(s) o <i>design</i> de um objeto ou módulo expositivo (o que ele representa, retrata ou demonstra). Por exemplo: “Esse casulo é de um mosquito que caiu na seiva de uma árvore”.	3
22. Orientação sobre comportamento na visita	Quando há orientações relacionadas ao comportamento considerado adequado durante a visita museal. Geralmente são orientações para as crianças sobre o que não fazer, tais como: não correr, não pisar em algo, não falar alto, não tocar etc. Por exemplo: “Não pode pisar na tela, tá?”.	1
23. Resposta	Quando se trata de uma resposta feita imediatamente antes, por outro membro do grupo. Por exemplo: “O nome dessa má formação é o que? Encefalopatia?”	5

	/ Não, encefalopatia é um problema que dá lá dentro. Na realidade, é a microcefalia”.	
24. Correção	Quando um/uma visitante corrige a fala de outro membro do grupo. Por exemplo: “[...] depois vira uma polpa [...] / [...] É pulpa”.	2
Total		112

Fonte: elaborado pelos autores (2025).